

Património

DOMINGO
12 DE ABR 2026

CASAS COM HISTÓRIA XII **MONÇÃO** / VILA

Textos
José Carlos Ferreira

Fotos
Diário do Minho

Diário do Minho



Este suplemento faz parte da edição n.º 34565 de 12 de abril de 2026, do jornal Diário do Minho, não podendo ser vendido separadamente

Introdução

Após uma pequena pausa neste período da Páscoa, o suplemento do Património está de regresso para continuar a olhar para as casas com história do concelho de Monção. Nesta edição temos um especial enfoque nas casas que serviram, e

continuam a servir a democracia e onde está sediado o poder local, mais próximo dos cidadãos. Estamos a falar da Câmara Municipal que, em Monção, teve duas casas. A mais antiga está situada no Largo de Camões e o edifício que ali temos é o resultado de obras pro-

fundas realizadas no início do século XX. Há poucos anos, a Câmara de Monção foi para um novo edifício, também ele icónico no centro histórico desta vila. Por fim, visitamos ainda a antiga Barbearia Clemente pelo legado que deixou a Monção.

Edifício atual é resultado de obras de fundo realizadas no início do século XX

Centralidade do Largo de Camões escolhida para construção da Câmara

No Largo de Camões, mesmo no centro histórico de Monção, está o antigo edifício da Câmara Municipal desta vila do Alto Minho.

Segundo a arqueóloga da Câmara de Monção esta localização da sede da autarquia é conhecida, pelo menos, desde o século XVIII. Tendo em conta que o municipalismo em Portugal tem raízes medievais, é legítimo perguntar onde estava localizada a Câmara de Monção antes do século XVIII. Para Odete Barra, o mais provável, olhando para a configuração da vila medieval de Monção, é ter sido precisamente no mesmo local onde se encontra hoje.

«Se olharmos para a planta da vila desde a época medieval conseguimos entender quais eram os centros nevrálgicos dentro desta vila medieval, dentro do que era o castelo naquela altura. Conseguimos entender que podia ter sido ali o primeiro edifício municipal da vereação. Estamos a falar do atual Largo de Camões que foi durante muito tempo o coração da vila medieval de Monção. Era o centro quase geográfico, social e político», sustenta.

A arqueóloga lembra que neste edifício dos Paços do Concelho funcionou até inícios do século XX a Câmara Municipal, ou seja, a vereação, o Tribunal de Monção e a Prisão de Monção. As marcas destas funções foram perceptíveis mesmo depois de terem sido alojadas noutros locais. «Ainda há relativamente poucos anos, no salão nobre da Câmara de Monção era possível perceber que ali tinha sido o antigo Tribunal, pelos gessos do teto, que agora já não são perceptíveis, pela distribuição das cadeiras e disposição da sala. Por estes elementos era fácil entender que ali era uma sala de audiências», disse. Por outro lado, «ainda há muitos relatos que a prisão funcionava no rés do chão».

Obras no edifício

Este edifício dos antigos Paços do Concelho, tendo em conta a documentação histórica, teve, pelo menos, duas grandes intervenções em termos de obras.

A primeira aconteceu no século XVII e a notícia da intervenção é-nos dada na dis-



Fachada da antiga Câmara de Monção

sertação de mestrado em História da Arte Moderna de Miguel Conceição da Silva Soremelho, intitulada “Manuel Pinto de Vilalobos – da engenharia militar à arquitetura”, de 1991. Segundo conta, o «“Juiz vereador, Procurador do Conselho e nobreza da villa de Monção em seu nome e do povo della e seu termo em razão do estado em que aquella villa ficou depois que se sahirão os Castelhanos da mesma villa”

pediram ao rei que lhes fosse concedido o dinheiro da imposição do sal, por espaço de três anos, para “se consertar a igreja matriz e a Caza da Santa Mizericórdia e seus retabollos e paço do Conselho”». «Em 12 de Outubro de 1668 era lançada na chancelaria régia a autorização requerida, renovada em 20 de Dezembro de 1674 com a obrigação dos trabalhos se estenderem à cadeia», acrescenta, realçando que a si-

tuação se manteve, pelo menos, até 1701.

Estes Paços do Concelho voltariam a ser intervencionados depois de 1912, quando já estava decidido dar nova configuração à Câmara, reconstruindo-a e ampliando-a, tendo-se obrigado a casa vizinha a demolir parte da parede.

Foram estas obras que deram o aspeto que a antiga Câmara de Monção possui atualmente.



Parte da heráldica do concelho está expressa no edifício



Elemento decorativo na fachada lateral do edifício

Edifício emblemático do centro histórico

Câmara de Monção está instalada na antiga Casa do Loreto

A Câmara de Monção está agora instalada naquela que é conhecida por Casa do Loreto, um edifício que é emblemático do centro desta vila do Alto Minho.

A arqueóloga da autarquia explica que a Praça Deu La Deu Martins, após o término das Guerras da Restauração, nos finais do século XVII e inícios do século XVIII, ganhou uma dinâmica que não tinha anteriormente. «E, à sua volta vão ser construídos uma série de edifícios que vão mostrar este dinamismo económico e social da vila de Monção nesta altura», afirma Odete Barra.

Assim, explica a arqueóloga, surgem neste espaço edifícios como este da Casa do Loreto. «É um edifício que foi particular e que, entretanto, teve uma série de outras valências. Ali foi a sede da Banda de Monção, ou, pelo menos, a Banda Musical de Monção chegou a ensaiar naquele edifício durante muito tempo. Esteve ali parte do Posto de Turismo. Ou seja, estiveram ali algumas valências, sendo que, quando se começou a perceber que os antigos Paços do Concelho já não davam resposta às necessidades que havia em termos dos vários serviços, na altura pensou-se reabilitar este edifício que já estava bastante devoluto e levar para lá os serviços principais, nomeadamente o executivo», conta.

Mas, esta casa, na sua origem, foi uma residência de um particular, não se sabendo nem quem a construiu, nem quem foram os seus primeiros proprietários. Contudo, sabe-se a razão pela qual esta casa tem o nome de Loreto. «Porque em frente, onde há agora um chafariz, havia uma capela que era a Capela do Loreto. Era uma capela militar. Pelas plantas que nós dispomos da Praça de Monção, aquela capela surge na altura da construção da Fortaleza de Monção, portanto é uma capela militar, e que é demolida nos inícios do século XX. À frente dela estaria o chafariz da Danaide que, na altura era retangular. Ainda existem algumas fotografias antigas e algumas gravuras com estes elementos antigos, quer da capela, quer do chafariz, e com os edifícios, de um lado a que é hoje em dia a Casa do Loreto, e do outro uma residência onde funcionava por baixo, du-



Câmara está instalada na antiga Casa do Loreto

rante muitos anos, cafés muitos conhecidos daqui e, mais à frente, a antiga Pensão Central. São todos edifícios que foram construídos nos finais do século XVIII. Nessa altura aquela praça tinha uma dinâmica impressionante», disse a arqueóloga da Câmara de Monção.

Comércio no rés do chão

Uma particularidade deste edifício é

que, a par da Câmara de Monção, esta casa também alberga uma das farmácias da vila. Odete Barra lembra que o rés do chão da Casa do Loreto, para além da farmácia, também tinha uma loja. «E, a uma determinada altura, a Câmara de Monção adquiriu o edifício, à exceção da parcela correspondente à farmácia. E, quando fizeram as obras houve esse cuidado de ir mantendo sempre a farmácia naquele sí-

tio, porque esta é uma das farmácias mais antigas da vila de Monção», explicou Odete Barra.

Neste momento, na Casa do Loreto estão instalados todo o executivo da Câmara de Monção, os serviços mais centrais da autarquia, incluindo o Gabinete de Atendimento ao Município. Neste edifício merecem um olhar atento os gradeamentos das varandas.



As varandas têm gradeamentos de grande valor estético



Pormenor arquitetónico do edifício

Estabelecimento no centro da vila é papelaria

Barbearia Clemente foi guardiã da história recente de Monção

A Barbearia Clemente, hoje Papelaria Clemente, continua a ser uma casa de referência no centro da vila de Monção.

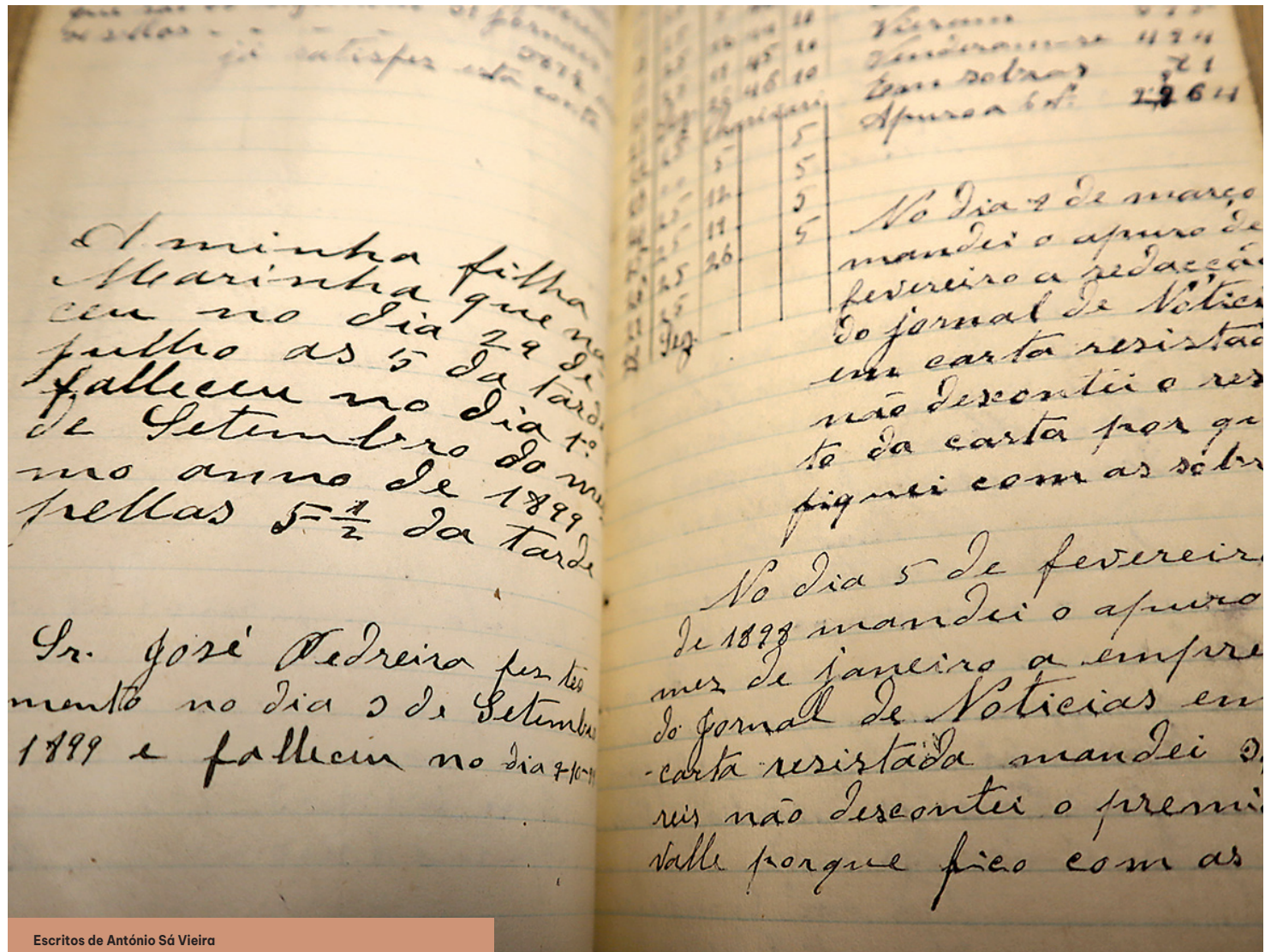
Nesta casa comercial, o seu fundador decidiu registar nos seus livros de contas os principais acontecimentos de Monção, uma prática que foi seguida pelos seus descendentes, contribuindo, desta forma, e, se calhar sem saber da importância deste ato, para a construção da história do concelho. Este legado que deixaram permitiu ao historiador Ernesto Português a elaboração de um trabalho de investigação apresentado em congresso e a publicação do livro "Memórias de Monção – Cadernos de contas de um barbeiro".

Ismael Braga, genro do antigo proprietário, é quem atualmente gere a Papelaria Clemente, uma casa que conheceu três gerações de barbeiros. Outrora, aqui, para além de se cortar o cabelo, podia-se comprar o jornal. «Isto teve início com o António Sá Vieira, depois passou para o filho, o Clemente Sá Vieira, e depois o meu sogro Clemente Lira Vieira deu continuidade. O meu cunhado não quis dar continuidade a barbeiro e, em dezembro de 2004, ele faleceu e eu no ano a seguir tomei conta do negócio», disse. Esta casa foi a primeira distribuidora do JN no concelho de Monção e, a par da barbearia, vendia jornais e revistas.

Cadernos de contas

Para Ernesto Português, os acontecimentos contados pelos proprietários da Barbearia Clemente nos livros de contas são de grande importância historiográfica. «Desde o primeiro contacto com os dados contidos nesta fonte nos apercebemos do seu valor e interesse para o estudo da história local, numa época particularmente conturbada da passagem da Monarquia à República, onde a informação não abunda», afirma no seu livro "Memórias de Monção – Cadernos de contas de um barbeiro".

Para o historiador, a importância e riqueza desta fonte advém de três fatores que considera fundamentais. «Estas memórias de António Sá Vieira reportam-se a um período bastante longo, de mais



de 40 anos; o autor foi testemunha ou ator de muitas das ocorrências que relata; os factos registados referem-se a um tempo de profundas transformações da nossa história contemporânea, abarcando o pe-

ríodo de 1894 a 1938», sustenta. No livro de contas, para além dos registos contabilísticos, foram registadas reflexões e descrições de acontecimentos sociais, políticos e religiosos. Todo este espólio foi mi-

nuciosamente analisado por Ernesto Português que escreveu "Memórias de Monção – Cadernos de contas de um barbeiro", que merecia ser reeditado por estar esgotado.